

Da criança generalizada ao sujeito responsável por seu gozo¹

Zilda Machado

Resumo

O presente artigo elabora reflexões sobre a asserção de Lacan “criança generalizada”, propondo tratar-se da posição do sujeito alienado à procura de um Outro salvador que o retire do desamparo estrutural que a todo custo ele procura recobrir. Dessa massa amorfa, a psicanálise pode retirar o sujeito e levá-lo a se responsabilizar por seu gozo, encontrando, a seu estilo, outras formas de sustentar sua diferença no mundo, ou seja, não somente os dois operadores — identificação e segregação —, a partir da psicologia das massas. Um caso clínico traz um sujeito responsável por seu gozo aos 7 anos de idade.

Palavras-chave:

Criança generalizada; Identificação; Segregação;
Psicanálise; Responsabilidade com o próprio gozo.

From the generalized child to the subject responsible for their jouissance

Abstract

This article reflects on Lacan’s assertion of the “generalized child,” proposing it as the position of the alienated subject in search of a savior Other who can rescue them from the structural helplessness they desperately try to cover up. From this amorphous mass, psychoanalysis can extract the subject and lead them to take responsibility for their jouissance, finding—in their own style—other ways of sustaining their difference in the world. In other words, not only through the two operators of mass psychology—identification and segregation, but finding their own style. A clinical case presents a subject who assumes responsibility for their jouissance at the age of seven.

Keywords:

Generalized child; Identification; Segregation;
Psychoanalysis; Responsibility for one’s jouissance.

¹ Este trabalho foi originalmente apresentado no XXIV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), realizado em Brasília em outubro de 2024.

Del niño generalizado al sujeto responsable por su goce

Resumen

El presente artículo elabora reflexiones sobre la afirmación de Lacan “niño generalizado”, proponiendo que se trata de la posición del sujeto alienado en busca de un Otro salvador que lo saque del desamparo estructural que intenta cubrir a todo costo. De esta masa amorfa, el psicoanálisis puede sacar al sujeto y llevarlo a responsabilizarse por su goce, encontrando, a su estilo, otras formas de sostener su diferencia en el mundo, es decir, no solamente los dos operadores — identificación y segregación — desde la psicología de las masas. Un caso clínico presenta a un sujeto responsable de su goce a los 7 años de edad.

Palabras clave:

Niño generalizado; Identificación; Segregación;
Psicoanálisis; Responsabilidad con el propio goce.

De l'enfant généralisé au sujet responsable de sa jouissance

Résumé

Cet article élabore des réflexions sur l’assertion de Lacan « l’enfant généralisé », en proposant qu’il s’agit de la position du sujet aliéné à la recherche d’un Autre sauveur qui le sorte de la détresse structurelle qu’il cherche à couvrir à tout prix. De cette masse amorphe, la psychanalyse peut extraire le sujet et l’amener à se responsabiliser pour sa jouissance, en trouvant à son style d’autres moyens de soutenir sa différence dans le monde, c’est-à-dire en ne se limitant pas des deux opérateurs — l’identification et la ségrégation — d’après la psychologie des masses. Un cas clinique met en scène un sujet responsable de sa jouissance à l’âge de 7 ans.

Mots-clés :

Enfant généralisé ; Identification ; Ségrégation ;
Psychanalyse ; Responsabilité de sa propre jouissance.

Estamos em um momento especial da civilização. A extrema direita cresce maciçamente pelo mundo, não por golpe de Estado, mas pelo voto. Mulheres, jovens e trabalhadores dão seu aval à ascensão de regimes com vieses totalitários, em busca de amparo, de um salvador que venha aplacar a carência que experimentam, enganados pela falsa promessa de que haja um Outro capaz de protegê-los, de lhes assegurar dias melhores. Por sua vez, justamente por saber operar com isso, essa aspiração das massas é traduzida em discursos que levam mais e mais pessoas a acreditarem nos “falsos profetas” e a aumentarem assim, cada vez mais, a chance de sua chegada ao poder.

A psicanálise nos ensina: o Outro não existe. Mas a vontade de poder existe, sim, e opera institucionalizando a política como sede e domínio de poder. Por isso, sempre haverá quem se ofereça nesse lugar do Outro, do salvador, em vários matizes ideológicos e políticos, para usurpar vantagens e manter a “massa de manobra” em posição de lhes assegurar privilégios e conquistas. Está aí, nessa massa amorfa manipulada, aquilo que Lacan chamou de “a criança generalizada” (Lacan, 1967/2003, p. 367): a posição do sujeito alienado à procura de um pai, um Outro salvador, em qualquer idade que ele tenha. Ou seja, se formos fidedignos a Lacan, “criança generalizada” somos nós, os seres falantes de qualquer idade diante do desamparo estrutural que nos habita, em nossa recusa da castração, o que nos leva a sustentar o Outro a qualquer preço, mesmo ao exercício da servidão voluntária; não só a um Outro encarnado, mas ao deus capital, que vai se imiscuindo em tudo.

Mesmo as mínimas coisas, e até as mais básicas, são hoje passíveis de gerar lucro de uns sobre os outros. Tudo se tornou ganho, lucro à custa da miséria de outros. Até mesmo ter um filho, hoje, é entrar no mercado no qual se vende um saber pronto sobre aquilo que antes era reserva do “ser experimentado”, como nos ensinou Freud. Hoje, não mais. Há blogueiras, *influencers*, médicos, psis etc., cada qual vendendo um saber pronto sobre como cuidar da criança. E os pais, tão crianças como elas, não conseguem buscar em si o não saber que lhes permitiria inventar, como o fizeram nossos ancestrais ao longo da história da humanidade.

“Criança generalizada” é, então, para Lacan, o sujeito alienado, perdido na massa amorfa, com os sintomas que apontam sua dissidência ao Outro, cuja forma de lidar com o mal-estar da estrutura são os mecanismos resultantes do que se depreende da psicologia das massas: a identificação e a segregação. Ou seja, estamos falando, então, de uma posição política, garantida pela identificação ao líder que orientou a humanidade ao longo dos séculos, com formas sociais mais ou menos estáveis, que se romperam e hoje demandam novos arranjos. Mas estamos aí também, nessa mesma lógica da psicologia das massas, se a identificação for horizontal com suas pautas identitárias. Trata-se de política importante e necessária, mas não é essa a política da psicanálise.

A psicanálise surge no horizonte desse sujeito quando seu sintoma já não dá mais conta do recado, quando começa a incomodá-lo demais. É esse sujeito, a “criança generalizada”, que a psicanálise acolhe. Vejam Lacan em “A agressividade em psicanálise”:

É essa vítima comovente, evadida de alhures, inocente [irresponsável], que rompe com o exílio que condena o homem moderno à mais assustadora galé social, que acolhemos quando ela vem a nós; é para esse ser de nada que nossa tarefa cotidiana consiste em reabrir o caminho de seu sentido, numa fraternidade discreta em relação à qual sempre somos por demais desiguais. (Lacan, 1948/1998, p. 126)

A ele, a psicanálise pode abrir a via de seu desejo, possibilitando que deixe cair a criança desamparada — aquela que busca alguém que responda por ela — e se assenhere de seu destino de ser-para-o-sexo e de ser-para-a-morte. É assim que ele pode vir a se tornar uma pessoa grande, responsável por seu gozo. Só então, de fato, um sujeito pode desfrutar do infantil, que é estruturalmente sua reserva libidinal, permitindo-lhe extrair satisfação da vida.

Entrar no discurso analítico é visitar, portanto, a abertura para outra política, a do sintoma. Por isso, Lacan diz que “tem toda razão quem põe a psicanálise à testa da política” (Lacan, 2003, p. 23), pois ela opera em direção ao que o sintoma começou: a desalienação do sujeito que o leva a se separar do Outro, no sentido de se engendrar, se parir. Trata-se de uma política radical, que implica a operação e a transmissão da psicanálise. E o que se depreende daí é a pergunta: estaríamos nós, como psicanalistas, aptos a sustentar o discurso analítico no mundo, em sua política radical? Para isso, o que está em jogo são a formação do analista e a longa ascese subjetiva que essa formação proporciona. É essa que torna apto qualquer um, no sentido de “qual quer”? Aquele que responde com o “desejo inédito”, o desejo do analista, que brota em sua subjetividade está, então, apto.

Se o sujeito pôde experimentar essa subversão, se pôde realizar, na psicanálise, a ascese subjetiva que o retirou desse mesmo lugar, da massa amorfa, ele sabe que vale a pena. Sabe que oferecer sua escuta ao sofrimento do outro, como já fizeram com ele, pode ter efeitos de alegria e de entusiasmo ao final. Poder se confrontar com o fato de que o Outro não existe, não por ouvir falar, mas pela experiência de que o gozo que ele supõe ao Outro é e sempre foi dele mesmo, modifica o sujeito. Só assim, por alcançar esse “saber custoso”, que “deve ser apreciado, posto a preço pois ele vale justo quanto custa (...) pelo que é preciso, para tê-lo empenhar a própria pele” (Lacan, 1972-1973/1985, p. 130), o sujeito pode acessar essa outra lógica, que inclua a castração, para além do brilho fálico e de suas injunções de potência ou impotência. Ele pode, assim, experimentar outra forma de existir,

outra lógica na partilha dos gozos: não-todo, não tudo. E ser capaz de descobrir aí também outra possibilidade: a coragem de sustentar no mundo sua diferença, um Um, e a abertura ao acolhimento da alteridade, sem precisar se tornar idêntico (se identificar), nem segregar, como forma de lidar com a diferença.

Para concluir, trago um caso de um sujeito responsável por seu gozo. André, ao final de sua análise — à qual veio por causa do incômodo dos pais com sua postura meio passiva e tímida diante dos colegas —, já está ótimo. Ele mesmo que quis “aprender a responder, mas com elegância, pois esse é seu estilo”, diferente do estilo do pai, que pratica luta. Mesmo assim, persiste fazendo algo que incomoda os pais: ele mastiga lápis. Temem por sua saúde. Pergunto por que ele faz isso, e ele diz que não sabe. Lacan diz que a lei é heterônoma (Lacan, 1962-1963/2005 p. 167); a lei que o sujeito coloca para si é fruto do recalque, advém pelo sintoma, pela inibição. Mas aquilo não me parecia mais ser isso. Então, pergunto se ele está esperando que os pais digam para ele parar de mastigar os lápis. Ele diz que não, que não quer que os pais falem que não pode. Digo, então: “Ah, mas e você? Quando você tiver um filho e ele estiver fazendo isso, o que você vai fazer?” Ele responde rapidamente: “Eeeu? Eu não vou ser bobo, não! Eu vou logo falar: para com isso, menino!” Digo: “Ah, então você está achando que os seus pais estão sendo meio bobos?” Ele: “Principalmente o meu pai!” Falo: “Uai, então diga isso para eles.” Ele diz: “Acho melhor você chamar eles aqui e falar isso para eles por mim, Z. Fala para eles deixarem de ser bobos e me falarem logo que não pode.” Faço isso, o que surpreende muito os pais. Chegam à casa, falam que “não pode” para o filho, e pronto: André não mastiga mais os lápis! Alguns dias depois, ele me diz: “Z, agora eu quero que você chame os meus avós. Você acredita que eles me dão presente toda sexta-feira? Fala para eles pararem com isso. Não precisa disso, não. Eu posso querer um brinquedo e não ter...” Também conversei com os avós. A avó, psicanalista, se assusta de o neto ser um rapaz aos 7 anos.

Referências bibliográficas

- Lacan, J. (1985). *Seminário 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (1998). A agressividade em psicanálise. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 104-126). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1948)
- Lacan, J. (2003). Alocução sobre as psicoses da criança. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 359-368). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2003). Lituraterra. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 15-25). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lacan, J. (2005). *Seminário 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
(Trabalho original publicado em 1962-1963)

Recebido: 30/04/2024

Aprovado: 04/06/2024